

Alytes cisternasii Boscá, 1879

Sapo-parteiro-ibérico

Sapo partero ibérico, Iberian Midwife Toad

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

O sapo-parteiro-ibérico é uma espécie tipicamente escavadora, que apresenta uma série de adaptações morfológicas às planícies áridas e monótonas do sul onde ocorre junto a pequenos ribeiros (Crespo, 1979, 1982a; Clarke, 1984; Sanchiz, 1984).

Estudos anteriores, utilizando a análise do polimorfismo aloenzimático, sugeriram a existência de uma relação entre as características ecológicas da espécie e a ausência de subestruturação populacional, indicando, adicionalmente, a ocorrência de intenso fluxo génico em toda a sua área de distribuição (Márquez, 1990; Rosa *et al.*, 1990; Rosa, 1995; Arntzen & García-París, 1995).

Contudo, estudos genéticos recentes (Gonçalves, 2007), utilizando um gene mitocondrial e microssatélites, revelaram a existência de estruturação genética significativa, com pelo menos quatro linhagens parapátricas que podem ser consideradas como unidades evolutivas distintas: duas destas linhagens estão confinadas a áreas geográficas restritas, no canto Sudoeste da Península Ibérica, enquanto as outras duas apresentam distribuições mais amplas que se estendem até ao rio Douro.

A combinação de dados genéticos, nucleares e mitocondriais, sugere a fragmentação populacional em vários refúgios durante as glaciações do Pleistoceno, seguida por eventos recentes de expansão demográfica e contacto secundário.

Nestas condições, e sabendo que *A. cisternasii* é endémica da Península Ibérica e terá divergido das restantes espécies de *Alytes* há cerca de 16 milhões de anos, é legítimo supor que a estrutura populacional desta forma terá sido recorrentemente submetida a períodos de extinção e re-colonização.

A existência de uma menor diversidade genética em *A. cisternasii*, quando comparada com a da espécie congénere *A. obstetricans*, é consistente com a distribuição geográfica restrita exibida por esta espécie, assim como com a ausência de uma diferenciação morfológica óbvia.

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

Espécie endémica do Centro e Sudoeste da Península Ibérica. Distribui-se por grande parte das bacias hidrográficas do

Guadiana, Tejo e Douro, desde o nível do mar até aos 1210 m de altitude na vertente norte do Sistema Central espanhol (García-París *et al.*, 1990). O limite setentrional da sua distribuição abrange o Nordeste de Portugal e as províncias espanholas de Zamora, Salamanca, Ávila, Valladolid e Segóvia. O limite oriental é definido, de norte a sul, pelas províncias de Segóvia, Guadalajara, Madrid, Toledo, Ciudad Real, Jaén, Córdoba, Sevilha e Huelva (Márquez & Crespo, 2002).

Ocorre, essencialmente, em zonas pertencentes ao piso bioclimático mesomediterrânico.

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

Em Portugal apresenta uma distribuição praticamente contínua a sul do rio Tejo, com excepção da península de Setúbal e de uma pequena franja do litoral algarvio.

A norte do rio Tejo distribui-se ao longo da fronteira até ao extremo leste do Parque Natural de Montesinho. Está ainda pontualmente presente nas províncias da Estremadura e Ribatejo. Encontra-se desde o nível do mar até aos 750 m, na Serra de Monchique, ocupando, preferencialmente, zonas de baixa a média altitude.

Trata-se de uma espécie de hábitos fossadores, ocorrendo em zonas de solos arenosos e pouco consistentes, normalmente em regiões abertas e planas. Associada a bosques esclerófitos e montados de sobre e azinheira, também pode ocorrer em pinhais e zonas agrícolas, normalmente junto a cursos de água temporários onde se reproduz.

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

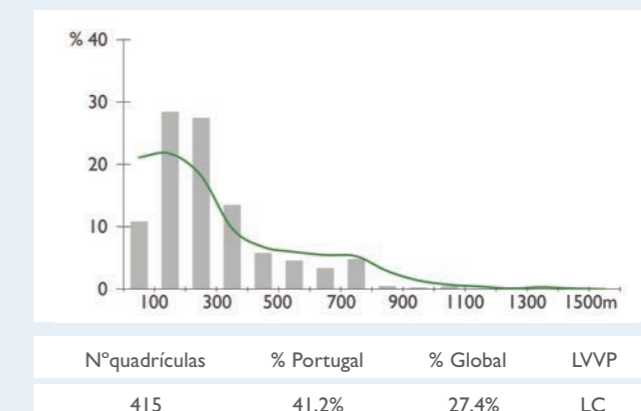
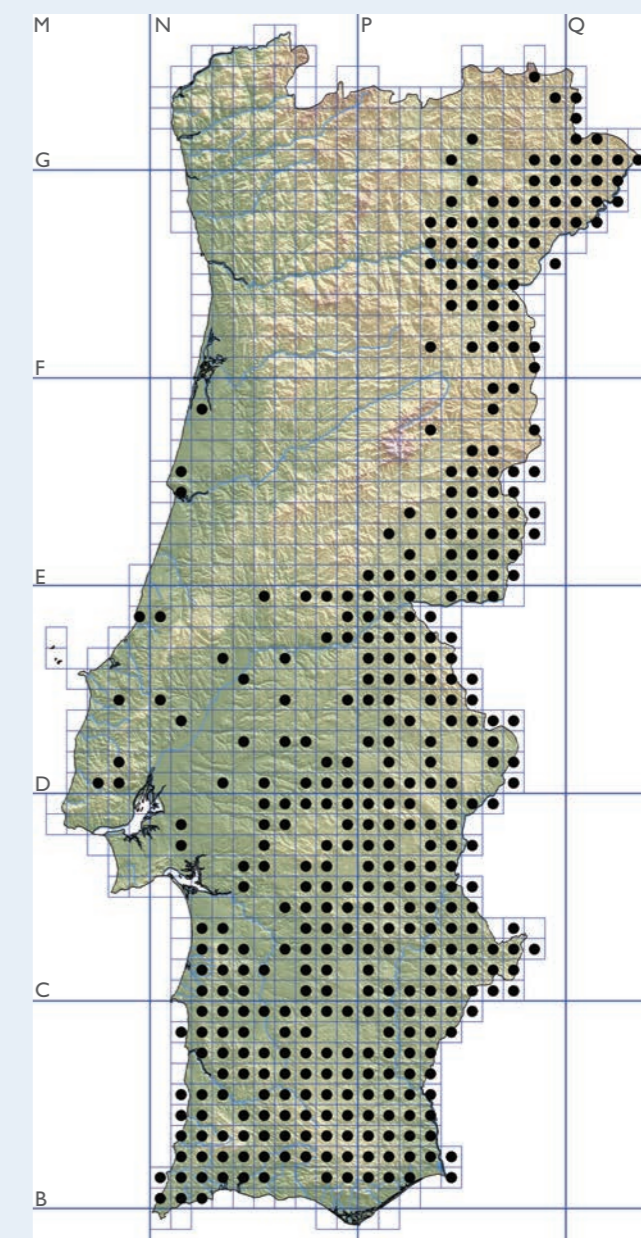
Em Portugal o estatuto de conservação desta espécie é "Pouco Preocupante" (Cabral *et al.*, 2005).

As principais ameaças são a destruição e alteração dos habitats favoráveis à sua ocorrência, quer através da crescente urbanização e consequente destruição e/ou poluição dos meios aquáticos, quer através do abandono de práticas de agricultura tradicional, nomeadamente a manutenção de charcos e pequenas represas utilizadas para rega. Este facto adquire particular relevância nas zonas mais quentes e áridas da sua distribuição onde escasseiam

zonas húmidas, tais como o Algarve, Baixo e Alto Alentejo.

Assim, as principais medidas de conservação passam pela preservação das zonas húmidas (charcos e ribeiros) de pequena e média dimensão.

Helena Gonçalves



CC



PhE



PhG